

# Jornalismo comunitário e cidadania: as condições de produção do Jornal Fala Mãe Luiza

## Community journalism and citizenship: the production conditions of Fala Mãe Luiza journal

Juciano de Sousa LACERDA<sup>1</sup>  
Louzianne Neves dos ANJOS<sup>2</sup>  
João Aureliano de Almeida MEDEIROS<sup>3</sup>  
Ricardo Douglas Santos de FREITAS<sup>4</sup>  
Jacinta dos Santos TINDOU<sup>5</sup>  
Luiz Marinho JÚNIOR<sup>6</sup>  
Susana Maria Miranda DANTAS<sup>7</sup>

### Resumo

O jornal Fala Mãe Luiza (FML) é mantido pelo Centro Sócio-Pastoral N. Sra. da Conceição, no Bairro de Mãe Luiza, em Natal-RN. O presente artigo se propõe a refletir sobre as condições de produção do FML na perspectiva da *práxis* do jornalismo comunitário. O projeto Jornalismo Comunitário e Prevenção em Saúde no Jornal Fala Mãe Luiza foi desenvolvido junto ao Programa Viva Mãe Luiza (PROEXT2014-MEC/SESU).

### Palavras-chave

Jornalismo Comunitário; Prevenção Em Saúde; Mãe Luiza; DST/Aids.

### Abstract

The newspaper Speaks Mae Luiza (FML) is maintained by the Socio- Pastoral Nossa Senhora da Conceição, on Mãe Luiza neighborhood, in Natal-RN. This article aims to reflect on the FML production conditions from the perspective of community journalism practice. The project Community Journalism and Prevention in Health in the journal Fala Mae Luiza was developed by the Viva Mae Luiza Program (PROEXT2014-MEC /SESU).

### Keywords

Community Journalism; Health Prevention; Mae Luiza; STD/AIDS.

EIXO TEMÁTICO

RECEBIDO EM 20 DE MAIO DE 2015

ACEITO EM 24 DE JULHO DE 2015

<sup>1</sup> Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: jucianolacerda@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Relações Públicas (UFPB, 2008). Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFRN, Bolsista IC/Capes/UFRN, integrante do Lapeccos. Contato: louzi.jornal@gmail.com

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo (UFRN, 2014), integrante do Lapeccos. Contato: aurelianomedeiros@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do Curso de Medicina da UFRN. Contato: rdsfreitas@hotmail.com

<sup>5</sup> Estudante do Curso de Jornalismo da UFRN, integrante do Lapeccos. Contato: jacintatindou@gmail.com

<sup>6</sup> Graduado em Jornalismo (UFRN, 2014), integrante do Lapeccos. Contato: marinho175@hotmail.com

<sup>7</sup> Profa. Mestre do Dep. de Enfermagem da UFRN, vice-coordenadora do NESC/UFRN. Contato: susanadantas@bol.com.br

**D**e abril a dezembro de 2014 foi desenvolvido um projeto de extensão na UFRN em que bolsistas participaram ativamente da produção de oito edições do Jornal Fala Mãe Luiza, da edição 183 à 190,<sup>8</sup> correspondente aos meses de Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro/Outubro, Novembro e Dezembro de 2014. O Objetivo geral do projeto foi contribuir para o fortalecimento e consolidação do jornal Fala Mãe Luiza como espaço de exercício do jornalismo comunitário, da cidadania comunicativa e cultural pelas organizações comunitárias, equipamentos sociais locais e cidadãos do bairro. A ação tinha quatro perspectivas. A primeira era a de construir um processo coletivo e permanente de avaliação das condições de produção (rotinas produtivas) do jornal Fala Mãe Luiza e colaborar, com apoio de discentes de jornalismo, em todas as suas fases de produção, desde a reunião de pauta, escrita dos textos e produção de fotografias, revisão, edição, diagramação e circulação do jornal. É essa perspectiva que será discutida, principalmente, neste artigo.

A segunda perspectiva pretendia desenvolver oficinas para a formação de novos repórteres populares, principalmente entre jovens e adolescentes em idade escolar, moradores do bairro, em parceria com o Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição, com o Projeto Viva Mãe Luiza (NESC/UFRN/MS), com o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC-UFRN) e demais equipamentos sociais locais.

A terceira perspectiva envolveu uma parceria entre o FML, o Projeto Viva Mãe Luiza (NESC/UFRN/MS) e o NESC/UFRN para a produção da página da editoria de Saúde, sobre temas relacionados à atenção à saúde, com ênfase na prevenção das DST/Aids, produzida com participação dos jovens e adolescentes multiplicadores do Projeto Viva Mãe Luiza, estudantes da área de saúde da UFRN e com os profissionais de saúde da Unidade Mista e da ESF Aparecida.

<sup>8</sup> É possível acessar todas as edições do Jornal Fala Mãe Luiza em PDF no site <<http://jornalfalamaeluiza.blogspot.com.br/>>.

A última perspectiva se realiza nas reflexões deste artigo, pois se propunha a gerar conhecimento empírico e reflexivo sobre jornalismo comunitário como espaço de exercício da cidadania cultural e comunicativa e promoção da saúde, a partir do processo de intervenção comunitária.

O envolvimento com o cotidiano das ações sociais e culturais realizadas no bairro de Mãe Luiza, tendo como estratégia a articulação entre educação, comunicação e saúde, em vista de desenvolver tecnologias sociais de prevenção das DST/Aids, aproximou o projeto do Centro Sócio-Pastoral Nossa Senhora da Conceição (CSPNSC), Organização Não Governamental (ONG) ligada à igreja católica e situada no bairro de Mãe Luiza há 30 anos. O Centro Sócio-Pastoral, parceiro da ação, acolhe várias das oficinas para multiplicadores desenvolvidas no projeto "Fortalecimento de Redes de Ação Comunitária para Prevenção em DST/AIDS: conhecer e intervir" (NESC/UFRN/MS), conhecida popularmente no bairro como "Projeto Viva Mãe Luiza". O bairro de Mãe Luiza, na Zona Leste de Natal, tem uma população estimada em 17 mil habitantes, com renda média de menos de três salários mínimos (NATAL, 2008, p. 13;23).

Desde o início dos anos 1990, por iniciativa do padre Sabino Gentili, o CSPNSC produz um jornal comunitário, denominado "Fala Mãe Luiza" (FML). Segundo levantamento de Carvalho e Veloso (2011, p. 4), a edição mais antiga arquivada pelo CSPNSC é de 18 de setembro de 1993. Carvalho e Veloso relatam ainda que a morte do Padre Sabino Gentili, em 2006, diminuiu o fôlego do jornal, que interrompeu sua produção durante o ano de 2007, que foi retomada entre 2008 e 2009, mas que teve problemas de publicação também de 2009 a 2011, período em que as notícias foram publicadas de forma on line no site <<http://jornalfalamaeluiza.blogspot.com/>>. Embora criado numa organização mantida pela Igreja Católica, "o Fala Mãe Luiza manifestou o caráter de jornal comunitário desde as primeiras edições. Fez isso ao se pautar pelos interesses do bairro e ao se engajar em lutas pela melhoria das condições de vida da população local." (CARVALHO; VELOSO, 2011, p. 4).

Atualmente, o jornal Fala Mãe Luiza tem periodicidade mensal e está em sua 193ª edição, com mil exemplares de circulação. A equipe do CSPNSC participa da reunião de pauta e, até o início de 2014, somente um funcionário da Casa Crescer, organização ligada ao Centro Sócio Pastoral N. Sra. da Conceição, era responsável por todo o processo de produção, desde discussão da pauta até a edição e diagramação. Com o início do projeto de extensão, o Jornal Fala Mãe Luiza passou a contar com um discente bolsista editor e diagramador, um discente bolsista repórter/fotógrafo, um discente bolsista repórter e um discente de Medicina responsável pela página de saúde, sob orientação do professor coordenador e de integrantes do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC/UFRN).

Os custos de impressão são bancados por apoiadores do CSPNSC. Antes do início do projeto de extensão, a rotina produtiva do FML apresentava dificuldades por concentrar todo o processo produtivo em uma única pessoa, em que havia sempre o risco de voltar a interromper sua periodicidade de circulação. Durante o período do projeto de extensão, o jornal FML não deixou de ser produzido e ganhou nova dinamicidade e o desenho gráfico foi atualizado.

É visível a importância social, cultural e política do jornal Fala Mãe Luiza, para o exercício da cidadania cultural e comunicativa (CHAUÍ, 1995; CAMACHO, 2011) dos moradores do bairro. O foi também para os estudantes de jornalismo da UFRN que participaram do projeto, pois puderam vivenciar na prática os dilemas, contradições e possibilidades da comunicação comunitária, compreendida como processo de vinculação entre sujeitos com sua natureza e com sua história e como chamamento político (PAIVA, 2007).

Pensar o jornalismo impresso, no campo da comunicação comunitária, é contribuir para o campo da comunicação em geral, sob os seguintes aspectos, elencados por Paiva (2007, p. 139-147): 1) diante da assimetria dos conglomerados regionais, nacionais e internacionais de mídia, pensar o comunitário é constituir uma força contra-hegemônica no campo comunicacional; 2) a perspectiva comunitária constrói e possibilita

polifonias, pluralidade de vozes; 3) produz novas formas de linguagem; 4) capacita os cidadãos para interferir no processo produtivo midiático; 5) produz uma estrutura mais orgânica entre consumidores e produtores de mensagens, por compartilharem o mesmo território; 6) tem o foco no processo educativo; 7) contribui para surgimento de novas pesquisas; e é 8) “um lugar propiciador de novas formas de reflexão sobre a Comunicação”.

As condições de produção do Jornal Fala Mãe Luiza produziram novas reflexões sobre a realidade atual do jornalismo comunitário (LACERDA et al, 2014). A experiência mostrou que ainda é preciso construir processos que possam ampliar o exercício da polifonia das vozes e da dimensão comunitária no exercício da cidadania cultural e comunicativa através do Jornal Fala Mãe Luiza. No processo também ficou evidente a necessidade de consolidar um espaço para os alunos de graduação exercerem práticas e experiências de jornalismo com ênfase no comunitário, na gestão coletiva da produção/edição/circulação de conteúdos locais, em diálogo com atores de outros saberes, tendo em vista um exercício concreto de interdisciplinaridade na produção informativa.

### **Visão sobre o jornalismo comunitário**

A nossa compreensão do jornalismo comunitário abrange a produção de discursos construída no processo da “vida comunitária” (PAIVA, 2007). Mais do que um meio de comunicação, percebemos o jornal comunitário como um “lugar de interlocução” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007), cujo principal objetivo é “dar voz aos membros da comunidade e estabelecer um fórum de diálogo, de exposição de ideias, de divergências e de reivindicações” (CARNICEL, 2005, p. 50). É um espaço propício para a promoção da cidadania cultural e comunicativa, uma vez que o jornal comunitário tem os membros da comunidade como principais produtores e fontes de informação, sendo sujeitos do processo de comunicação. A cidadania cultural representa o exercício do direito à informação (acesso e fruição); direito à comunicação (produzir cultura); direito a se reconhecer como sujeito cultural; direito tomar parte de decisões políticas sobre a cultura (CHAUÍ, 1995, pp. 82-83). A cidadania comunicativa representa a

condição de o cidadão exercer plenamente seu direito, garantido pelo Estado, de ter acesso, mas principalmente de averiguar, aprofundar e difundir informações e opiniões por qualquer meio de comunicação, assumindo “ativamente suas responsabilidades na geração e reprodução de processos de formação de opinião e deliberação públicas, e participação e controle sociais” (CAMACHO, 2011, p. 152-153).

Um jornal comunitário, além de promover o exercício da cidadania, contribui para o fortalecimento da autoestima dos participantes, tanto em relação ao efeito de reconhecimento de seus atores pela comunidade (CARNICEL, 2005) como na construção de uma imagem da comunidade sem os estereótipos produzidos pelo jornalismo tradicional. O jornal Fala Mãe Luiza tem um caráter comunitário, pois sua fonte de notícias é o cotidiano do bairro de Mãe Luiza. As notícias, opiniões e comentários buscam representar as vozes dos sujeitos locais. “É essa cultura do cotidiano que aproxima e identifica os indivíduos em uma comunidade” (NUNES, 2007, p. 98). Em seu trabalho de TCC sobre o Jornal Fala Mãe Luiza, Marinho JR. (2014) destaca que o jornal vem se pautando pelos interesses da comunidade, sendo uma voz para os diversos movimentos sociais que foram e vão construindo as histórias de luta do bairro de Mãe Luiza.

A importância de produzir jornalismo comunitário é a possibilidade de elaborar mensagens sobre o local sem a filtragem ou intermédio da indústria jornalística tradicional (PAIVA, 2003 p. 139). O jornalismo diário natalense não dá conta de todos os processos informativos do bairro de Mãe Luiza, sua estrutura se direciona à lógica do “hard news”, das notícias comercialmente viáveis, que produzem impacto, representando a periferia, principalmente, pelo signo da violência e da criminalidade. “A comunidade admite o distanciamento entre sua realidade cotidiana e a estrutura de produção de informação dos meios de comunicação existentes” (PAIVA, 2003, p. 139). Os valores-notícia do jornalismo tradicional não são capazes de apreender o “mundo da vida” da comunidade. O chamado “jornalismo comunitário” realizado pela mídia tradicional se volta para a lógica de necessidades, de prestação de serviços. “O que permite

conceituar um veículo como comunitário não é sua capacidade de prestação de serviço, e sim sua proposta social, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício de cidadania” (PAIVA, 2003, p. 140). Desta forma, o jornalismo comunitário não se pauta pela “notícia-espetáculo”, que se inspira no modelo televisivo da busca pela audiência (PAIVA, 2003).

Na perspectiva da Comunicação e Saúde, atentamos para os “lugares de interlocução”, desenvolvidos na imprensa tradicional, em que práticas culturalmente estabelecidas em torno das instituições, dos meios de comunicação e dos profissionais de saúde, centralizam o direito à fala nestes sujeitos, cabendo, na periferia, à população local o lugar de escuta, de recepção (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 67). A vivência no bairro de Mãe Luiza desde 2011, com a colaboração de profissionais da saúde e da educação que atuam localmente, e o aprendizado com as práticas locais de participação e decisão coletiva, foram importantes para se desenvolver a proposta de Araújo e Cardoso (2007) de compreender os “lugares de interlocução”, tendo em vista estabelecer novos interlocutores, com protagonismo dos sujeitos locais. O lugar de interlocução diz respeito ao “lugar que cada interlocutor ocupa no momento mesmo da comunicação” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 68). Esse lugar de interlocução é determinado pelos contextos. Geralmente são abordados contextos históricos, políticos, econômicos, geográficos e institucionais.

Em relação ao processo participativo, houve a consciência de que, no processo de intervenção comunitária que caracteriza um projeto de extensão de jornalismo comunitário, os sujeitos professores e discentes estão envolvidos no processo, mas não são sujeitos nativos da comunidade. Portanto, há um distanciamento e, ao mesmo tempo, um compromisso com os sujeitos locais, que pode contribuir na redescoberta do papel do “comunicador social” proposta por Paiva:

Apesar do entendimento quase generalizado de que um veículo de comunicação comunitária deva ser elaborado pelos membros da própria comunidade, é possível considerar que, com as novas luzes sobre a viabilidade da estrutura comunitária na atualidade, descortina-se a função do comunicador social, como o profissional que pode estar habilitado a trabalhar com esse novo desenho

social. Muito mais que um publicitário, jornalista ou radialista, esse profissional deve ser alertado para o seu papel de agente social, aquele que primeiramente é capaz de promover e potencializar a articulação comunitária, seja via instituições (desde prefeituras, órgãos municipais e organismos não-governamentais) ou por meio da evocação duma comunidade determinada (PAIVA, 2003, p. 143).

Esta perspectiva, em tempos de novas diretrizes curriculares para o Jornalismo, abre um campo fértil para a redescoberta e a discussão do papel do jornalista como “comunicador social” com os discentes da graduação e pós-graduação. O modelo de formação atual da UFRN, por exemplo, é muito voltado às lógicas da mídia tradicional, em que o jornalista é uma peça da complexa engrenagem informacional. O jornalismo comunitário é a possibilidade para o discente de jornalismo se descobrir como sujeito do processo de comunicação em interlocução com outros sujeitos, num exercício de cidadania, de alteridade, respeito e cooperação mútua. Trata-se de um aprendizado fundamental na condição contemporânea do jornalismo.

## **O processo de participação como intervenção**

O projeto de extensão se apoiou nas estratégias metodológicas de intervenção comunitária, articuladas com estratégias de educomunicação para o jornalismo comunitário, tanto para repensar a proposta de atuação na rotina produtiva do Jornal Fala Mãe Luiza como para a produção da página de saúde voltada a informações sobre prevenção das DST/Aids e outros temas de interesse local.

No processo, buscou-se usar de metodologias participativas, ou seja, em que as ações foram construídas com os atores que já produziam o jornal Fala Mãe Luiza. Possibilitou-se a discussão e a revisão da rotina produtiva que organizava o jornal (reunião de pauta, produção dos textos, revisão, edição, diagramação, impressão e circulação), tendo em vista qualificar os processos que geraram sobrecargas, concentrações e dificuldades em sua feitura mensal. Feita a análise, todos foram provocados a pensar uma nova forma de conduzir, de maneira participativa, o processo de produção do jornal, sendo obtido sucesso em



alguns aspectos e em outros, não. Essa discussão será feita no próximo tópico deste artigo.

O processo de intervir se caracteriza por dissipar as posições clássicas que demarcam a polarização sujeito/objeto, agentes/beneficiados, na dinâmica da intervenção. A implicação é sempre coletiva no método da intervenção, pois "indica o trabalho da análise das implicações coletivas, sempre locais e concretas" (PASSOS; BARROS, 2009, p.19). O processo de intervenção gera conhecimento para si e para os outros. No processo de intervenção identificamos fenômenos, fazemos a intervenção e neste processo de intervir educamos e aprendemos (FREIRE, 2011, p. 31).

No campo da interface entre o jornalismo comunitário e a saúde, a intervenção comunitária requalifica e dá complexidade às atividades dos atores envolvidos em cada fase de execução: concepção, desenvolvimento e monitoramento de estratégias adotadas para atenção, no caso específico, às DST/Aids. Desta forma, a intervenção, como processo de comunicação, se transforma em lugar de mediação entre os sujeitos foco da prevenção e o total de recursos que necessitam para construir sua saúde. O mesmo processo pode ser pensado para a intervenção em termos de atuação no processo de produção do jornal Fala Mãe Luiza.

Os discentes de jornalismo que desenvolveram suas atividades no jornal Fala Mãe Luiza, atuando como comunicadores sociais, tiveram o cuidado de manter a percepção de que são externos à comunidade, mas que precisariam se perceber como parte do processo coletivo, como mobilizadores da participação dos atores da comunidade. Contudo, um desafio sempre presente foi o de conseguir evitar, em sua atuação – seja na comunidade ou na produção do jornal FML – arregimentar para si atitudes burocráticas ou autoritárias, baseadas no conhecimento técnico e político, vindo da condição do saber sobre o jornalismo adquirido na universidade.

Veremos, a seguir, o que a experiência de vivência nas condições de produção do Jornal Fala Mãe Luiza possibilitou na construção dessa relação dos discentes com o jornalismo comunitário.

## A experiência dos discentes na produção do Jornal Fala Mãe Luiza

A proposta da parceria entre o jornal Fala Mãe Luiza (FML) com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através do projeto de extensão, deu-se na perspectiva de descentralizar a rotina produtiva do jornal, que estava sendo operacionalizada por uma única pessoa. Ao mesmo tempo, objetivou contribuir para que os alunos de graduação do curso de Comunicação Social da UFRN tivessem em seu aprendizado a chance de uma experiência jornalística com ênfase no comunitário, na gestão coletiva da produção/edição/circulação de conteúdos locais, em diálogo com atores do campo educacional e da saúde, tendo em vista um exercício concreto de interdisciplinaridade na produção informativa.

O processo de seleção dos bolsistas tinha como meta garantir um discente com conhecimentos em diagramação, edição e programação visual, um discente com conhecimentos em fotografia e outro em produção de reportagem/notícia. Com três discentes de jornalismo seria agregado mais um, da área de saúde, que pudesse colaborar na construção dos conteúdos da página de saúde do jornal. No processo de seleção também se levou em conta experiências anteriores dos discentes com movimentos sociais ou projetos sociais.

A produção de um jornal produzido por uma empresa jornalística possui uma ritualidade (TUCHMAN, 1999). Da mesma forma é possível dizer que também os jornais produzidos por organizações comunitárias também possuem uma ritualidade. Tuchman (1999, p. 75) compreende o ritual como um procedimento de rotina, que pode ser de pouca relevância ou de relevância tangencial para se realizar uma atividade, mas que a adesão a ele é “frequentemente obrigatória”. Por parecerem obrigatórios e necessários à realização da atividade, costumam ser “naturalizados” no *habitus* de quem os pratica, tomando-os, muitas vezes, como verdades indiscutíveis.

Uma dessas atividades ritualizadas no jornalismo e tomadas como fundamentais e necessárias em sua rotina de produção é a pauta. Na universidade também se aprende que a pauta é importante na rotina de

um jornal. Da mesma forma, no jornalismo comunitário ela também ocorre. A diferença é *quem* participa e *como* participa. Se o jornal como produto deve ser um “fórum de diálogo”, de exposição de ideias e divergências (CARNICEL, 2005), esse processo também deve começar pela pauta. A tomada de decisões sobre as pautas no Jornal Fala Mãe Luiza não chega a ser de toda a comunidade, como seria na utopia da participação plena em que todos usem do seu direito a tomar parte das decisões (CHAUÍ, 1995). Mas isso não inviabiliza caracterizar o processo como comunitário, uma vez que as pautas são pensadas a partir do resultado das reuniões pedagógicas, administrativas e da diretoria do Centro Sócio-Pastoral N. Sra. da Conceição (CSPNSC) e também do Fórum de Entidades de Mãe Luiza. O editor do jornal, Luiz Marinho Jr., educador integrante do CSPNSC e, na época, graduando de jornalismo na UFRN, participava dessas reuniões amplas no bairro e trazia as demandas para o jornal, para serem também discutidas junto com os bolsistas e o professor coordenador do projeto de extensão. Assim, os atores da universidade passaram, também, a compor o expediente do periódico.

Com isso, o processo de produção passou a ser realizado pela equipe de redação composta por sete pessoas. A apuração das matérias para o FML foi dividida entre os quatro bolsistas do Curso de Comunicação Social da UFRN, sendo três – Jacinta Tindou, Ricardo Moreira e Louzianne Neves – os responsáveis pelas apuração e redação das notícias e reportagens. E um outro, Aureliano Medeiros, responsável pela diagramação. Um jornalista da FM Universitária, Iano Flávio Maia, atuou como voluntário na revisão e edição dos textos. Coube ao graduando em jornalismo e educador do CSPNSC, Luiz Marinho Júnior, o papel de “Editor Chefe”, com a missão de fazer a ponte entre o que era pautado pela comunidade, nas reuniões do Centro-Sócio e do Fórum de entidades, e a equipe de bolsistas e voluntários. As propostas de pauta que chegavam eram discutidas com os demais membros da equipe de redação. Marinho Júnior também atuou na apuração de matérias, na revisão, na edição e diagramação do periódico. O sétimo componente da equipe, Ricardo Freitas, era estudante do curso de Medicina e ficou responsável por abordar temas referentes à saúde na coluna “De Olho na Saúde”.

O grupo decidiu por manter a identidade visual já conhecida pela comunidade. Assim, mesmo dominando outros programas de edição, o discente diagramador continuou a editar as páginas no programa *Microsoft Office Publisher*, com as principais características já reconhecidas pelos leitores: a quantidade de oito páginas, no tamanho Tabloide, divididas em três ou duas colunas. Houve somente um conjunto de pequenas mudanças, principalmente no redesenho das nomenclaturas de algumas colunas e seções do jornal. A primeira página, antes denominada de “Capa”, onde se publicava a chamada da grande reportagem da edição, passou a se chamar “Principal”. E a página denominada de “Social”, onde se veiculava notícias e pequenas matérias sobre o bairro, passou a se chamar “Comunidade”. Foram mantidas as colunas “Gente do Morro”, “De Olho na Saúde” e “Notícias e Eventos” com a mesma nomenclatura, para não gerar estranhamento com o “contrato de leitura” (VERÓN, 2004) já estabelecido.

Imbuídos da vontade de produzir “lugares de interlocução” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007) com as organizações do bairro e o conjunto de leitores, cada discente atuante no jornal buscou representar para si a noção de “comunicador social” proposta por Paiva (2003), ou seja, de um agente social que promove e potencializa a articulação comunitária. Por isso, a intenção desta nova equipe era manter a mesma filosofia editorial do FML, pautada pela discussão dos assuntos da comunidade.

Com periodicidade mensal, a rotina acertada foi a de uma reunião no início de cada mês para a pauta, seguida de um prazo de duas semanas para se produzir e monitorar a produção dos textos. Em seguida, eram revisados e editados, *on line*, através de compartilhamento virtual dos materiais. Em seguida, era marcada uma reunião de avaliação do material produzido, que após ser avaliado era publicado, com tiragem de 1 mil exemplares. Uma gráfica de Natal imprimia o jornal como forma de colaboração com o CSPNSC. A reunião seguinte era para avaliar o jornal já publicado e, novamente, pensar a pauta da próxima edição. E assim, fez-se o ciclo durante 8 edições publicadas, de abril a dezembro de 2014, do número 183 ao 191. Com o encerramento do projeto em dezembro de

2014, alguns dos bolsistas continuaram a apoiar o jornal de forma voluntária.

A partir daqui, traremos os depoimentos coletados entre os discentes envolvidos no projeto sobre o que representou atuar na rotina de um jornal comunitário. Nas considerações finais, teceremos algumas ponderações sobre o processo e suas condições de produção.

Todos reconheceram que a experiência no campo do jornalismo comunitário contribuiu com a formação individual como profissional: seja no aprendizado sobre a abordagem e o diálogo com o outro; seja na revisão de seus valores estéticos e de linguagem; ou no despertar para a própria função social do jornalismo.

Para a minha formação, o jornalismo comunitário tem sido uma excelente forma de aprendizado, principalmente no que diz respeito ao aperfeiçoamento da minha forma de abordagem do paciente no dia a dia quanto à transmissão de informações, orientações e conhecimento de maneira clara e objetiva sobre determinado tema/problema, visto que a abordagem no jornal comunitário é bem semelhante (Depoimento de Ricardo Freitas, estudante de medicina, por email, em 22/10/2014.).

Tecnicamente, foi interessante trazer os conhecimentos adquiridos com diagramação e desenho gráfico de periódicos na universidade para o já consagrado jornal comunitário. Mas mais interessante ainda foi fazer isso sem que a publicação perdesse a sua identidade. Então, foi preciso tomar muito cuidado para não ultrapassar os limites do familiar por puro senso estético (Depoimento de Aureliano Medeiros, estudante de jornalismo, por email, em 23/01/2014.).

Participar da produção de um jornal comunitário, como o Fala Mãe Luiza, que procura publicizar as lutas e vivências de uma comunidade à margem da sociedade natalense, fez e faz toda diferença para a minha formação como pessoa e profissional da Comunicação Social. Na verdade foi o Fala a semente germinal do meu interesse por este campo profissional, já que comecei a fazer parte da sua equipe mesmo antes de prestar vestibular para Jornalismo (Depoimento de Luiz Marinho Júnior, estudante de jornalismo, por email, em 23/01/2014.).

Os alunos também perceberam que a agenda e a pauta dos meios de comunicação de mercado atuam, na maioria das vezes, de maneira contrária aos pressupostos defendidos pela rotina produtiva do jornalismo comunitário. O que leva os discentes a construírem novas formas de olhar a comunidade e o comunitário.

Inicialmente, tive que adaptar meu olhar para obedecer aos interesses do jornalismo comunitário, visto que nos bancos acadêmicos, muitas vezes, nos atemos a lógica do jornalismo mercadológico. E hoje, reconheço a importância do trabalho desenvolvido neste projeto, visto a iniciativa em fazer um resgate da autoestima do bairro, mostrando seus acontecimentos e atividades cotidianas sob uma ótica oposta do que é vendidos nos veículos de comunicação da cidade de Natal Depoimento de Louzianne Neves, estudante de jornalismo, por email, em 25/01/2014.

Na comunidade estigmatizada como violenta pela grande mídia, o Fala Mãe Luíza busca elevar a autoestima dos moradores, cumprindo seu papel de contraponto à mídia hegemônica, divulgando os aspectos positivos de Mãe Luíza, como seus artistas, atletas, ativistas sociais, as expressões religiosas e culturais, além de relatar as dificuldades enfrentadas no bairro e cobrar ações do poder público (Depoimento de Jacinta Tindou, estudante de jornalismo, por email, em 28/01/2014).

Sem dúvidas, é uma grande experiência de troca e aprendizagem continua. Uma vez que se faz necessário construir junto com a comunidade, e a partir de suas necessidades, sua própria história. História, por vezes desvalorizada, deturpada ou esquecida pelos grandes grupos midiáticos que agendam a informação em cima de “valores” nem sempre pertinentes para o debate social (Depoimento de Luiz Marinho Júnior, estudante de jornalismo, por email, em 23/01/2014).

Os discentes avaliam que o modo de fazer do jornalismo comunitário poderia inspirar novas formas de pensar o jornalismo tradicional de mercado e uma nova práxis na abordagem dos temas locais.

A experiência de jornalismo associado à cidadania praticada no jornal Fala Mãe Luiza pode e deve ser também levada para o jornalismo comercial. (Depoimento de Aureliano Medeiros, estudante de jornalismo, por email, em 23/01/2014).

É também se superar, em busca de uma práxis que valoriza o local e procura, de alguma forma, contribuir para o aumento da polifonia na comunicação, engendrando outros discursos que podem contrapor ou complementar os discursos ditos "oficiais", posicionamento que colabora para a democratização da informação e dos meios (Depoimento de Luiz Marinho Júnior, estudante de jornalismo, por email, em 23/01/2014).

Outro aspecto interessante na rotina de produção do jornal FML é o fato de que alguns dos estudantes ainda não tinham tido a experiência de vivenciar a prática jornalística em seu dia-a-dia. Desta forma, o jornal se tornou a primeira experiência de ouvir o outro, de conhecer suas histórias, de apurar os acontecimentos e pensar a melhor forma de construir as narrativas. Também tiveram o estranhamento sobre a prática tradicional da rotina jornalística de produzir os conteúdos numa forma hierarquizada, em que são eleitos aspectos mais importantes do acontecimento para abrir os textos (TUCHMAN, 1999). Perceberam que a forma como as pessoas contam as histórias no jornalismo comunitário na maioria das vezes não cabe na forma hierarquizada e engessada do lide, a chamada cabeça da matéria, comum no jornalismo de mercado.

## Considerações finais

Por fim, temos três aspectos a discutir nessas considerações finais. O primeiro aponta para a dificuldade em simplesmente afirmar que um jornal é ou não é comunitário. Nas condições de produção atuais é difícil pensar um jornal em que toda a comunidade participe das tomadas de decisão rotineiras, mas também se faz necessário criar mecanismos de participação que possam acolher o maior número de vozes nas tomadas de decisão. O jornal Fala Mãe Luiza, em grande parte, tem suas tomadas de decisão no âmbito do Centro Sócio-Pastoral e do Fórum de Entidades, o que não representa o bairro inteiro, mas não inviabiliza a existência de um processo participativo. O desafio é como ampliar essa participação,

tem em vista uma cidadania comunicativa (CHAUÍ, 1995; CAMACHO, 2011).

É fundamental num projeto comunitário em que há uma parceria com instituições como a universidade, que a entrada de estudantes na rotina de produção da informação é, de fato, um processo de intervenção (PASSOS; BARROS, 2009), que não pode ser naturalizado, mas sempre discutido com a coletividade. As tomadas de decisão dos discentes, com base no conhecimento a priori do jornalismo, vindo da academia, interfere no processo das condições de produção do jornal.

Por fim, é o exercício da cidadania e a possibilidade de ampliar as vozes que diferenciam o jornalismo comunitário (PAIVA, 2003), pois mesmo que seja uma prática que tenta se contrapor ao modelo hierarquizado da mídia tradicional, acaba produzindo suas próprias assimetrias. Faz parte do jogo democrático se abrir sempre essa discussão no ambiente de produção do jornalismo comunitário.

## Referências

- ARAÚJO, Inesita S.; CARDOSO, Janine M. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- CAMACHO AZURDUY, C. A. Propuesta de un modelo de comunicación masiva para la construcción de ciudadanía en América Latina. In: PERUZZO, C. M. K.; TUFTE, T.; CASANOVA, J. V. **Trazos de otra comunicación en América Latina: prácticas comunitarias, teorías y demandas sociales**. Barranquilla-Colombia: Editorial Universidad del Norte, 2011, p. 142-163.
- CARNICEL, Amarildo. O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões. In: FUSER, Bruno (org). **Comunicação Alternativa: Cenários e perspectivas**. Campinas: PUC -Campinas/ Centro de Memória da UNICAMP, 2005, p. 45-74.
- CARVALHO, Rayanne Azevedo; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. Gente do Morro – A Comunidade em Pauta. In: **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Maceió – AL – 15 a 17 de junho. São Paulo: INTERCOM, 2011, 15 páginas. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-1062-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.



CHAUÍ, M. Cultura política e política cultural. Estud. av. [online]. Vol.9, n.23, pp. 71-84, 1995, DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000100006>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LACERDA, Juciano de Sousa; DANTAS, Susana Maria Miranda; ANJOS, Louzianne Neves dos; MEDEIROS, João Aureliano de Almeida; FREITAS, Ricardo Douglas Santos de; TINDOU, Jacinta dos Santos; MARINHO JR., Luiz. **Jornalismo comunitário e cidadania: as condições de produção do Jornal Fala Mãe Luiza**. Simpósio Nacional Jornalismo, Participação e Cidadania (Apresentação de Trabalho). João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, 27 e 28 de outubro de 2014.

LACERDA, Juciano S. ; LUCAS, Márcia. C. V. ; MARANHÃO, L. ; BORGES, Diolene ; CASTANHA, Sueli A. ; PERES, Michele. S. Adolescentes Multiplicadores para la Promoción de los Derechos y Prevención de ITS / SIDA en el distrito de Madre Luiza, en Natal, Brasil. In: **Anais do III Congresso Regional de Medicina Familiar Wonca Iberoamericana-CIMF e X Seminario Internacional de Atención Primaria de Salud**, Havana, Cuba: WONCA - Iberoamericana CIMF / Sociedad Cubana de Medicina Familiar (SOCUMFEA), 2012. v. 1.

MARINHO JR., Luiz. **Jornalismo Comunitário e suas Vertentes**: 25 anos do Jornal Fala Mãe Luiza. TCC apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: Decom, 2014, 70 p.

NUNES, Márcia Vidal. Rádios Comunitárias: Exercício da Cidadania na Estruturação dos Movimentos Sociais. In: PAIVA, Raquel (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 95-118.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 133-148.

PAIVA, Raquel. Perspectiva comunicacional. In: **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 135-168.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.

PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

PERUZZO, Cílicia Maria Krohling. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. **PCLA**, Volume 4, número 1:

outubro/novembro/dezembro 2002. Disponível em:

<<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL. **Conheça melhor o seu bairro:**

Mãe Luiza. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008. Disponível em:

<[http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae\\_Luiza\(1\).pdf](http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae_Luiza(1).pdf)>. Acesso em: 10 out. 2013.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª. Ed., Lisboa: Veja Editora, 1999, p. 74-90.

VERÓN, E. A publicidade ou os mistérios da recepção. In: VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2004, p. 264-272.